

IDENTIDADES EMOLDURADAS: A LEGITIMAÇÃO DO IMAGINÁRIO COLONIALISTA EM ADMIRING SILENCE E NO LONGER AT EASE

FRAMED IDENTITIES: THE LEGITIMIZATION OF THE COLONIALISTA IMAGINARY IN ADMIRING SILENCE AND NO LONGER AT EASE



Dossiê

Literaturas africanas e afrodiáspóricas: escritas emancipatórias

Organizadores:

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga



Profa. Dra. Gláucia R. Gonçalves



Profa. Dra. Fernanda Guida



Profa. Dra. Elena Brugioni



v. 32, n. 61, maio, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 23/11/2022

Aprovado em: 18/03/2023

Distribuído sob



Luccas César Bach

luccasesarbach@gmail.com

UFRGS.

Gerson Roberto Neumann

gerson.neumann@gmail.com

UFRGS.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente trabalho busca analisar como as identidades no discurso colonial são mantidas através da repetição de signos estereotipados. As obras *Admiring silence* (1996), de Abdulrazak Gurnah, e *No longer at ease* (1960), de Chinua Achebe, apresentam as várias narrativas que perpassam o cotidiano do sujeito africano que habita a fronteira entre o sujeito nativo e o europeu, ou entre colonizado e colonizador. É nessa existência aparentemente binária que os protagonistas se desfazem, perdendo a si mesmos na impossibilidade contextual de viverem a hibridização cultural do imigrante. Tendo em vista os temas centrais a serem trabalhados, a base teórica desse estudo será composta pelos escritos de Homi Bhabha, Stuart Hall, V. Y. Mudimbe, entre outros.

Abdulrazak Gurnah, Chinua Achebe, identidades, literatura de língua inglesa

The following paper seeks to analyze how identities in colonial discourse are maintained through the repetition of stereotyped signs. The novels *Admiring silence* (1996), by Abdulrazak Gurnah, and *No longer at ease* (1960), by Chinua Achebe, present the various narratives that permeate the daily life of the African individual who inhabits the border between the native and the European, or between colonized and colonizer. It is in this apparently binary existence where the protagonists fall apart, losing themselves in the contextual impossibility of experiencing the cultural hybridization of the immigrant. In view of the central themes to be worked on, the theoretical basis of this study will be composed of the writings by Homi Bhabha, Stuart Hall, V. Y. Mudimbe, among others.

Abdulrazak Gurnah, Chinua Achebe, identities, English literature

Considerações iniciais

Dentre os vários debates acerca do de-colonial, do pós-colonial, do pós-colonialismo, entre outros movimentos, pode-se afirmar sem grandes contradições que os impactos coloniais não cessaram com as conquistas de independência das nações exploradas. Não é casual a frase destacada pelo martinicano Aimé Césaire na abertura de seu *Discurso sobre o colonialismo*: “*A Europa é indefensável.*” (2020, p. 9). O ato de se defender busca uma retomada de território, um estabelecimento e fortalecimento do eu contra forças antagonistas, algo contraditório quando levado em conta o poderio hegemônico europeu que ainda se faz presente nos aspectos culturais, sociais e econômicos mundiais. Se há uma aparente busca por um *mea culpa* na leitura superficial desse enunciado, uma análise crítica exige uma busca pelo oculto, pelas nações “não-Europa” em sua luta emancipatória pela conquista, ou reconquista, de seus territórios geográficos e culturais.

O contato entre colonizador e colonizado sugere uma ruptura polarizadora fundamentada nos critérios do capital, ou seja, a valorização do produto e da produção. Ainda na obra acima citada, Césaire afirma que entre essas duas figuras só há espaço para o trabalho forçado, para uma relação de poder; “[n] enhum contato humano, porém relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção.” (2020, p. 24). Tanto ao colonizado é determinado um papel da cadeia de produção, quanto ao colonizador. Enquanto do primeiro se exige força bruta, eficiência física; do segundo se exige supervisão e organização. Desse imaginário introduzido pelo discurso imperialista, ambos os polos são criteriosamente estabelecidos através de oposições, inseparáveis pelo ser e pelo seu inverso, o não-ser.

Há duas questões essenciais no entendimento de como essa polarização se modifica e adapta aos anos mais recentes. Em primeiro lugar, essas identidades impossíveis de serem alcançadas são nada mais do que representações vazias. Exploraremos isso devidamente mais abaixo, entretanto é válido apontar que a

própria caracterização de uma identidade anterior ao sujeito – uma coletânea de características às quais se espera que esse sujeito se adapte – nega a natureza transitória, temporal e, por vezes, contraditória do ser humano. Além disso, o que vem sendo estudado e incrivelmente ilustrado pelas literaturas nacionais, o espaço entre colonizador e colonizado produz posições que contradizem sua ocupação de classe ou mesmo de raça: tanto indivíduos colonizadores assumem discursos anticoloniais quanto colonizados inserem-se na narrativa colonizadora.

O caráter contraditório do sujeito que habita espaços colonizados e colonizadores é próprio do seu processo identitário. E os papéis que esse sujeito assume compreendem tanto a demanda do espaço para que ele se identifique quanto o seu posicionamento frente ao que lhe é imposto, e devem lidar com as contradições inerentes ao ser pós-moderno na sua identificação de gênero, de orientação sexual, de raça, de natividade, entre tantas outras facetas que momentaneamente vem a compor sua representação na sociedade. O indivíduo “africano”, portanto, será sempre o colonizado? Estará sempre nessa posição de submissão e subserviência que é esperado no constructo social do ser africano? E se seus níveis de instrução ou sua posição econômica garantirem a ele privilégios normalmente associados ao colonizador? Até que ponto entender o indivíduo a partir de uma escala continental faz sentido? São perguntas que não buscam respostas, mas discussões sobre as construções de identidades em uma escala continental.

A proposta da presente pesquisa é explorar os diálogos que perpassam o sujeito migrante em obras de dois grandes escritores da Literatura Africana: Chinua Achebe e Abdulrazak Gurnah. *No longer at ease* (*A paz dura pouco*, na sua tradução para o português), publicado pela primeira vez em 1960, é o segundo romance do nigeriano Chinua Achebe, uma sequência a sua obra inaugural, *Things fall apart* (1958), em que explora os primeiros contatos entre o povo ibo e o colonizador. O protagonista, Obi Okonkwo, ocupa uma posição entre a vila familiar e o mundo britânico, entre os rituais e as tradições ibo e as aparências e o estilo de vida do colonizador; e a pressão de viver essas duas realidades “por inteiro” esvazia sua resolução moral. Pode

-se afirmar que Obi **representa** a corruptibilidade do servidor público africano na estrutura governamental inglesa na medida em que ele sente perder sua subjetividade, seu controle da própria vida, para ocupar uma moldura construída pelas comunidades que o colocam como um “nativo exemplar”. Isso não quer dizer que Obi seja objetificado, perdendo sua autonomia ou iniciativa. O espaço de ruptura em que ele se encontra é conturbado pelo seu próprio ineditismo, e a presunção da personagem de poder “abraçar o mundo” é a própria decadência.

Admiring silence, publicado inicialmente em 1996, é o quinto romance do escritor Abdulrazak Gurnah. Como outras de suas obras – *Memory of departure* (1987) e *Gravel heart* (2017), por exemplo –, *Admiring silence* narra o encontro entre, novamente, colonizado e colonizador, entre um jovem africano e um **espaço** europeu (esse espaço nem sempre será o território inglês de fato, mas uma simulação da condição inglesa através de um parente que a incorpora). Entre o protagonista, um homem não-nomeado de Zanzibar, e Obi, há semelhanças gerais, como a perda de um amor; o rompimento familiar causado pela mulher pela qual se apaixona; uma certa paralização frente à narrativa imperialista do homem inglês, este estado confortável em sua pretensa superioridade hierárquica. Além desses encontros, há de se apontar para o fato de que o protagonista de Gurnah deliberadamente colabora com estas narrativas. Ele escolhe fabricar histórias, mentiras, que coincidem com a expectativa do inglês de encontrar no africano um selvagem, um incapaz, um dependente da estrutura colonial, para agradar as pessoas à sua volta. Enquanto Obi, na situação de abandono em que se encontra após o falecimento de sua mãe e a partida da namorada, deixa-se levar pelas oportunidades de corrupção que se apresentam. Aceitar subornos na sua posição de agente governamental é a concretização de seu abandono, assim como parece legitimar a imagem do africano assimilado, corrupto, presente no meio dos burocratas ingleses.

Ambos, portanto, se encontram nesse terceiro espaço, nesse atrito entre duas identidades platônicas. Mas, sem conseguir habitá-

lo, eles perdem, escondem, um pouco de si em diferentes momentos para aparentarem um movimento, uma forma de pertencimento a ambos os lados, como que de um ou de outro lado dessa fronteira. O desfecho desse embate identitário permite às personagens um momento de introspecção narcísica em meio ao abandono da mulher amada; Obi cai em tentação enquanto o narrador de *Admiring silence* assume uma missão de ser “útil” à sua cidade natal, na tentativa de melhorar a vida de seus compatriotas. Uma tragédia, para Obi, uma reviravolta heroica, para o protagonista de Gurnah.

Uma análise comparativa entre tais autores se faz necessária pelo tema do processo de construção identitária, provocador de uma imensa gama de diálogos emancipatórios no século XXI, assim como pelo próprio movimento de enaltecimento das literaturas marginais. A proposta dessa pesquisa é tecer uma análise do conflito identitário vivido pelos protagonistas em sua condição fronteira de migrante. Fronteira disputada entre passado e futuro, entre o direito à ancestralidade do nativo e a garantia promissora da educação colonial. Portanto, propomos primeiramente um debate sobre o processo de construção identitária e estereótipos, para em seguida apontar as comparações possíveis entre *Admiring silence* e *No longer at ease* de acordo com o tema sugerido.

Sobreposições de identidades coloniais

Primeiramente, o que se entende por identidade? Os estudos identitários realizados há décadas por movimentos feministas, antirracistas e mesmo nacionalistas vêm debatendo no que consiste o ato de se identificar, quais os parâmetros para se formular a representação de uma identidade e a quem cabe o direito de a assumir. Se uma estipulação concreta e fixa de respostas para essas e outras perguntas relativas ao tema nega todo o avanço feito até o momento de escrita desse trabalho, pode-se ao menos rejeitar a busca moderna pela essência do ser.

Em um estudo sobre o compromisso do genealogista com o estudo da História, Michel Foucault afirma que, ao escutá-la, aquele percebe que por trás das coisas há “[...] o segredo de

que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.” (2021, p. 58). Sendo esse um mero recorte do extenso argumento de Foucault, já nos permite vislumbrar um princípio sobre o qual os teóricos aqui explorados se debruçam: o mundo é “essencialmente” múltiplo. A proposta de uma análise histórica não-linear abre espaço aos excluídos, aos que foram marginalizados, aos que permaneceram invisibilizados pela narrativa hegemônica da História. Para além dessa perspectiva, os estudos culturais passam a compreender o processo identitário como transcendental, múltiplo, e em constante movimento.

De acordo com Stuart Hall (2003), na modernidade tardia o que cremos ser uma identidade é de fato uma narrativa formada por traços fragmentários resgatados de uma antiguidade. A formulação de uma identidade originária seria uma construção, portanto, que seleciona e exclui a partir das delimitações do que significa pertencer a ela. É na fricção com a alteridade que o sujeito se define: “Toda identidade é fundada sobre uma exclusão e, nesse sentido, é ‘um efeito de poder’. Deve haver algo ‘exterior’ a uma identidade.” (p. 95). Assim, não haveria como compreender identidades de uma maneira isolada, como em um vácuo cultural; o eu se reconhece na medida em que se negam as diferenças. A partir desse princípio, o discurso colonial abriga uma representatividade binária: a do colonizador e a do colonizado, do branco e do negro, do líder e do empregado; e assim por diante, em uma busca incessante pela cisão totalitária entre um opressor e um oprimido. Uma das maneiras pela qual esse discurso se auto justifica, como veremos nos romances, é a associação de características subjetivas (morais, éticas, mesmo etimológicas) a tais representações. Portanto, na narrativa colonial o europeu se coloca como indivíduo merecedor de liderança por ser originalmente um sujeito trabalhador, cristão, de ações morais e éticas; estabelecendo o não-europeu como não-trabalhador, não-cristão (pagão), não-moral e não-ético. Mesmo internamente ela não se sustenta, pois a própria Europa é fragmentada por diferenças culturais, econômicas, políticas e sociais, sendo também

suscetível às mazelas da estrutura capitalista moderna.

Valentin-Yves Mudimbe, em *A invenção de África*, escreve que a estrutura colonizadora abriu espaço para um sistema dicotômico do tradicional versus o moderno, do oral versus o escrito, do agrário versus o urbano, e assim por diante. Essa espécie de oposição ainda ressoa cotidianamente quando se refere ao “primeiro” e ao “terceiro” mundo, como se houvesse uma linha de “evolução” que toda nação deveria originalmente seguir. O autor afirma, então, que há um espaço intermediário entre esses dois extremos:

Seja como for, este espaço intermediário poderia ser visto como a principal expressão do subdesenvolvimento, revelando a forte tensão entre uma modernidade que é frequentemente uma ilusão de desenvolvimento e uma tradição que por vezes reflecte uma imagem fraca de um passado mítico. (MUDIMBE, 2013, p. 20)

É relevante notar como essas identidades estereotipadas – e por estereótipos, aqui, compreende-se que eles não compreendem o indivíduo tanto quanto este é nele inserido, como molduras fixas e esvaziadas de representação – são signos criados sobre a pressão do contato, do deslize entre um desejo do sujeito por identificação e uma demanda externa que o compele a se identificar. Como Homi Bhabha coloca, a demanda colonialista exige “[...] que o Outro legitime o Mesmo, reconheça sua prioridade, preencha seus contornos, replete, na verdade repita, suas referências e ainda seu olhar fraturado.” (2013, p. 165). Muito importante na afirmação de Bhabha é a necessidade de legitimação e reconhecimento do sujeito e que as alteridades são postas e mantidas através de seu contato. O inglês como indivíduo detentor da cultura e da ciência legítimas só percebe sua “inglesidade” frente ao africano que, no seu imaginário colonial, não dispõe desse conhecimento aparentemente cumulativo – um raciocínio já notavelmente trabalhado por Edward Said em *Orientalismo*, em que ele argumenta que as noções sobre o oriente foram responsáveis por estabelecer o ocidente.

No início de *Admiring silence*, o protagonista, um homem de meia idade, professor de literatura africano e negro, vai a uma consulta médica, pois sentia dores no peito. O médico, inglês, trata-o cordialmente, mas altera seu vocabulário para tentar uma aproximação com a representação que ele percebe em seu paciente. Seu diagnóstico é de que o paciente tinha um coração “bugado”, condição comum de pessoas “afro-caribenhas”.

Algo em meus modos ou aparência deve tê-lo feito pensar que eu tinha estudado em uma escola pública. Não era apenas por causa da bonomia masculina brusca daquele *bugado*. Ele me perguntou a que tipo de *bóia* eu era propenso e se eu tinha algum *capricho* particularmente incomum. [...] Eu disse a ele que gostava de bananas verdes e macaco defumado no café da manhã. Ele pareceu estupefato com isso por um momento, sem dúvida surpreso que eu não tivesse problemas com suprimentos, mas então ele assentiu em reconhecimento¹. (GURNAH, 2021, p. 9)

Ao invés de uma “ponte” facilitadora para a comunicação entre os dois, o médico cria um espaço de estranhamento. O vocabulário “de escola pública” – uma associação que o protagonista também questiona, sendo ele mesmo um educador – é utilizado como ferramenta, como um recurso de linguagem não-natural para fabricar um cenário alheio a ambos. Na breve interação entre médico e paciente, o diagnóstico fica suspenso – algum problema no coração, possivelmente, mas nenhuma resposta totalizante pode ser alcançada em uma consulta preliminar – enquanto esse discurso colonial transpira entre os dois. Assim como em outras personagens inglesas com quem o narrador interage, não há uma agressividade aparente nas maneiras do médico. É no

imaginário dessa comunidade inglesa que se concretizam os estereótipos africanos como sendo iletrados, incapazes de uma linguagem popularmente entendida como “cultura”.

Entendendo que a restrição identitária é um processo mútuo, ao médico também é destinada uma carga simbólica. O protagonista, no seu papel de narrador, associa ao homem a sua frente uma existência tipicamente hegemônica do ser branco: uma vida nos subúrbios, um bom carro, dois filhos, uma esposa grávida com “[...] um terceiro atrasado para regenerar o amor juvenil que seus dois primeiros simbolizam tão completamente.”² (GURNAH, 2021, p. 8). Sua posição, entretanto, o constringe a guardar silêncio frente ao médico.

E reforço aqui que não há aparente agressividade explícita normalmente associada ao racismo. O tom narcísico encontrado é o daquele que busca um terreno em comum, que pretende uma universalidade do ser, que nega as diferenças aparentes em prol da homogeneidade humana. O que o narrador na obra de Gurnah faz é enunciar os silêncios, o implícito textual dos discursos daqueles que se deparam com o africano em sua completa representatividade. Afinal, o diagnóstico é tendencioso, uma vez que o médico presume que ele seja “afro-caribenho”.

Claro, depois de todo esse drama eu não tive coragem de dizer a ele que eu não era afro-caribenho, ou qualquer tipo de caribenho, nem tinha nada a ver com o Atlântico [...] Ele não quis se referir a pessoas afro-caribenhas de qualquer forma. Ele quis dizer negros, hubshis, abids, bongo-bongos, diga-em-voz-alta-eu-sou-negro-e-tenho-orgulho vítimas de fome e tirania e doenças e luxúrias desreguladas e história, etc. Você sabe, minha raça. (GURNAH, 2021, p. 10-11)³

1 “Something about my manner or appearance must have made him think I had been to a public school. It wasn’t just because of the brusque male bonhomie of that *buggered*. He asked me about what kind of *grub* I was prone to and whether I had any particularly unusual *whims*. [...] I told him I liked green bananas and smoked monkey for breakfast. He seemed taken aback by this for a moment, no doubt surprised that I had no problems with supplies, but then he nodded in recognition.” (Tradução nossa – TN)

2 “[...] a belated third to regenerate the youthful love that their first two so completely symbolize.” (TN)

3 “Of course, after all this drama I did not have the heart to tell him that I was not Afro-Caribbean, or any kind of Caribbean, not even anything to do with the Atlantic [...] He didn’t mean Afro-Caribbean people anyway. He meant darkies, hubshis, abids, bongo-bongos, say-it-loud-I’m-black-and-I’m-proud victims of starvation and tyranny and disease and unregulated lusts and history, etc. You know, my race.” (TN)

Ele identifica o racismo no enunciado transparente, aparentemente amigável, do médico. Mas se “afro-caribenho” é o termo “correto” a ser usado, o erro não seria “inocente”? Como o narrador pode associar o infeliz acidente semântico a termos como “hubshi” ou “abid”, termos pejorativos usados contra pessoas negras em algumas regiões do oriente médio, a um engano sobre sua descendência? A perspectiva do médico nos é impossibilitada, estando o narrador na primeira pessoa, mas ela é de uma subjetividade irrelevante para o presente trabalho; é a leitura do protagonista que nos detém a atenção. O que não quer dizer que o enunciado do “lado” autoritário não seja relevante, mas que a sua intencionalidade é sujeita ao contexto discursivo. O narrador tem acesso à transparência da narrativa colonial que o perpassa.

O motivo por trás da “adaptação” léxica do médico é o estereótipo amplamente aceito no contexto proposto em *Admiring silence* de que uma pessoa negra seria africana e, em decorrência disso, seria iletrada, de baixa renda, propensa a “desejos” infantilizados ou animalescos – em completo desacordo com o ser do narrador, mas especialmente incongruente com o atual entendimento dos preconceitos, do racismo e do eugenismo disseminados pelo projeto colonial.

Se a polaridade é clara entre o europeu e o africano, poderíamos inferir que tal situação não ocorreria entre dois sujeitos que compartilham uma identidade nacional. A hibridização cultural entre sujeitos fronteiriços, entretanto, expõe a quão errônea pode ser essa simplificação. As relações entre opressor e oprimido se reproduzem mesmo em cenários em que a “essência” originária não está presente. Em *No longer at ease*, Christopher, um amigo africano do protagonista, age de forma semelhante ao do médico de Gurnah, fazendo uso de uma linguagem simplificada (um inglês “quebrado”) com determinados interlocutores:

Se Christopher falava um inglês bom ou “quebrado” dependia do que ele estava falando, onde ele estava falando, para quem e como ele queria falar. Claro que isso era até certo ponto verdade para a maioria das pessoas instruídas, especialmente nas noites de sábado. Mas Christopher era bastante excepcional ao entrar em acordo com uma herança dupla.⁴ (ACHEBE, 1994, p. 97, grifo nosso)

O termo “inglês quebrado” em si – também chamado de “pidgin” – já nos transmite uma unilateralidade, uma repetição de signos coloniais, uma vez que não se refere ao idioma inglês, em sua totalidade, usado de forma inconsistente com sua estrutura padronizada. O “pidgin” é uma mistura, uma hibridização, entre o idioma do colonizador e as linguagens de matriz africana; ou seja, cultura e regionalmente transcendental. Como, então, ele poderia ser visto como o oposto de um “bom inglês”? Nosso próprio entendimento do que seria um “bom” uso da linguagem não depende da sua exatidão gramatical, mas das regiões selecionadas socialmente como exemplos – essência – de alta cultura. Mas, insistindo no objeto sob análise, é necessário destacar que o narrador não especifica os critérios utilizados pelo enunciatador para fazer uso dessa linguagem “quebrada”. Se é uma questão de contexto, é no desenvolver do romance, nas interações entre africanos assimilados com motoristas, com moças jovens, com nativos enraizados, que podemos inferir que o cenário que demanda uma “simplificação” é o solo africano, no encontro entre o instruído (por instituições inglesas) e o seu outro, o não-instruído.

Novamente nos deparamos com esse duplo enganoso, pois o que seria uma “herança dupla”? A herança é um princípio patriarcal, fundamentada na sucessão de poder, de bens acumulados durante gerações. E, se é assim percebida a educação inglesa, ela é equiparada à herança nacional e fraterna. Como um signo de

4 “Whether Christopher spoke good or “broken” English depended on what he was saying, where he was saying it, to whom and how he wanted to say it. Of course that was to some extent true of most educated people, especially on Saturday nights. But Christopher was rather outstanding in thus coming to terms with a double heritage.” (TN)

aparente ruptura entre uma juventude africana e a educação europeia que lhe garantiu um futuro de sucesso financeiro.

As fronteiras não são interrupções identitárias, mas espaços de reformulação, uma vez que, se posicionadas pelo discurso do opressor, são mantidas também pelo olhar do oprimido. Dessa interação **deslizante** entre posições fronteiriças entre culturas, os protagonistas não se “duplicam”, mas se hibridizam, constroem a si e partilham na comunidade habitada culturas valorizadas pelo princípio rizomático da relação. O conflito está na exteriorização dessa construção. Quem quer que esses indivíduos sejam, ou como quer que eles se percebam, persiste uma demanda nas suas interações sociais para que eles se “essencializem”, claro, como africano ou europeu; mas também como um orgulhoso nacionalista, um pobre trabalhador, um saudosista do império, um africano europeu. Como veremos abaixo, há um fetiche em relação ao imigrante que o esvazia de si em busca do prazer da legitimação.

Entre a demanda e o fetiche

Em relação ao processo identitário, há um aspecto externo que tanto exige quanto espera um posicionamento do sujeito quanto a sua própria assertividade.

Tal leitura do hibridismo da autoridade colonial desestabiliza profundamente a demanda que figura no centro do mito originário do poder colonialista. O que se demanda é que o espaço que ele ocupa seja ilimitado, sua realidade seja *coincidente* com a emergência de uma narrativa e história imperialistas, seu discurso seja *não dialógico*, sua enunciação seja *unitária*, não marcada pelo traço da diferença. (BHABHA, 2013, p. 191, grifos do autor)

O protagonista em *Admiring silence* é um imigrante de Zanzibar que teve a oportunidade de estudar na Inglaterra e construir uma vida familiar economicamente estável. Ele possui um trabalho fixo como professor de literatura, um relacionamento de vinte anos com uma mulher inglesa, Emma, e uma filha de dezessete anos, Amelia. Seus sogros também aparecem consistentemente no apartamento do

casal para ver a neta. Ele é, entretanto, um estrangeiro nesse círculo familiar; especialmente após o nascimento de Amelia, quando ele sente perder o amor de Emma e vê sua casa invadida pelos pais dela. O protagonista parece entorpecido pelos primeiros anos de felicidade sublime em que o casal viveu em reclusão, enquanto, no presente, sua presença é indesejada, desgastada pelo tempo. Isso ocorre especialmente pelo fato de que cada integrante da família – de Emma – agarra-se a uma visão determinada pela sua nacionalidade, enxergando-o como um símbolo, uma representação, e não como um sujeito de desejos e vontades próprias. A demanda sobre ele sempre parte da sua diferença, da sua raiz africana, rejeitando o que pode haver nele de particular, mesmo de inglês.

Os sogros, um casal de classe média, se ocupam da antiga narrativa colonialista do “selvagem corrupto e imoral” que habita regiões distantes da metrópole inglesa. A senhora Willoughby adota uma postura formal frente ao enteado, o que não esconde seu ressentimento com o fato de sua filha estar namorando um homem não-branco e não-cristão. Seu marido, um orgulhoso imperialista com visões heroicas da época em que a Inglaterra ainda possuía grandes colônias em solo africano, é mais aberto a “conversar” com o rapaz – desde que este ofereça um discurso que o apeteça.

O termo “inglês quebrado” em si – também chamado de “pidgin” – já nos transmite uma unilateralidade, uma repetição de signos coloniais, uma vez que não se refere ao idioma inglês, em sua totalidade, usado de forma inconsistente com sua estrutura padronizada. O “pidgin” é uma mistura, uma hibridização, entre o idioma do colonizador e as linguagens de matriz africana; ou seja, cultura e regionalmente transcendental. Como, então, ele poderia ser visto como o oposto de um “bom inglês”? Nosso próprio entendimento do que seria um “bom” uso da linguagem não depende da sua exatidão gramatical, mas das regiões selecionadas socialmente como exemplos – essência – de alta cultura. Mas, insistindo no objeto sob análise, é necessário destacar que o narrador não especifica os critérios utilizados pelo enunciatador para fazer uso dessa linguagem “quebrada”. Se é uma questão de contexto, é no desenvolver do

romance, nas interações entre africanos assimilados com motoristas, com moças jovens, com nativos enraizados, que podemos inferir que o cenário que demanda uma “simplificação” é o solo africano, no encontro entre o instruído (por instituições inglesas) e o seu outro, o não-instruído.

Novamente nos deparamos com esse duplo enganoso, pois o que seria uma “herança dupla”? A herança é um princípio patriarcal, fundamentada na sucessão de poder, de bens acumulados durante gerações. E, se é assim percebida a educação inglesa, ela é equiparada à herança nacional e fraterna. Como um signo de aparente ruptura entre uma juventude africana e a educação europeia que lhe garantiu um futuro de sucesso financeiro.

As fronteiras não são interrupções identitárias, mas espaços de reformulação, uma vez que, se posicionadas pelo discurso do opressor, são mantidas também pelo olhar do oprimido. Dessa interação **deslizante** entre posições fronteiriças entre culturas, os protagonistas não se “duplicam”, mas se hibridizam, constroem a si e partilham na comunidade habitada culturas valorizadas pelo princípio rizomático da relação. O conflito está na exteriorização dessa construção. Quem quer que esses indivíduos sejam, ou como quer que eles se percebam, persiste uma demanda nas suas interações sociais para que eles se “essencializem”, claro, como africano ou europeu; mas também como um orgulhoso nacionalista, um pobre trabalhador, um saudosista do império, um africano europeu. Como veremos abaixo, há um fetiche em relação ao imigrante que o esvazia de si em busca do prazer da legitimação.

Entre a demanda e o fetiche

Em relação ao processo identitário, há um aspecto externo que tanto exige quanto espera um posicionamento do sujeito quanto a sua própria assertividade.

Tal leitura do hibridismo da autoridade colonial desestabiliza profundamente a demanda que figura no centro do mito originário do poder colonialista. O que se demanda é que o espaço que ele ocupa seja ilimitado, sua realidade seja *coincidente*

com a emergência de uma narrativa e história imperialistas, seu discurso seja *não dialógico*, sua enunciação seja *unitária*, não marcada pelo traço da diferença. (BHABHA, 2013, p. 191, grifos do autor)

O protagonista em *Admiring silence* é um imigrante de Zanzibar que teve a oportunidade de estudar na Inglaterra e construir uma vida familiar economicamente estável. Ele possui um trabalho fixo como professor de literatura, um relacionamento de vinte anos com uma mulher inglesa, Emma, e uma filha de dezessete anos, Amelia. Seus sogros também aparecem consistentemente no apartamento do casal para ver a neta. Ele é, entretanto, um estrangeiro nesse círculo familiar; especialmente após o nascimento de Amelia, quando ele sente perder o amor de Emma e vê sua casa invadida pelos pais dela. O protagonista parece entorpecido pelos primeiros anos de felicidade sublime em que o casal viveu em reclusão, enquanto, no presente, sua presença é indesejada, desgastada pelo tempo. Isso ocorre especialmente pelo fato de que cada integrante da família – de Emma – agarra-se a uma visão determinada pela sua nacionalidade, enxergando-o como um símbolo, uma representação, e não como um sujeito de desejos e vontades próprias. A demanda sobre ele sempre parte da sua diferença, da sua raiz africana, rejeitando o que pode haver nele de particular, mesmo de inglês.

Os sogros, um casal de classe média, se ocupam da antiga narrativa colonialista do “selvagem corrupto e imoral” que habita regiões distantes da metrópole inglesa. A senhora Willoughby adota uma postura formal frente ao enteado, o que não esconde seu ressentimento com o fato de sua filha estar namorando um homem não-branco e não-cristão. Seu marido, um orgulhoso imperialista com visões heroicas da época em que a Inglaterra ainda possuía grandes colônias em solo africano, é mais aberto a “conversar” com o rapaz – desde que este ofereça um discurso que o apeteça.

A relação entre o senhor Willoughby e o protagonista é baseada nos fantasiosos contos que este se empenha para criar e alimentar a visão saudosista do sogro: “O Sr. Willoughby só estava interessado em minhas histórias do Império. [...] Eu podia ver a fome em seus olhos

cada vez que nos encontrávamos, e logo ele encontrava uma maneira de criar uma abertura para mim.”⁵ (GURNAH, 2021, p. 82). Entendendo-se na avidez do Sr. Willoughby, o protagonista confirma as visões do inglês de que sob o império “[...] tínhamos uma liderança firme e justa, governada por pessoas que nos entendiam melhor do que nós mesmos.”⁶ (GURNAH, 2021, p. 82); que “[...] o Império desinteressadamente nos trouxe conhecimento e educação e civilização e as coisas boas que a Europa havia aprendido a fazer por si mesma [...]”⁷ (GURNAH, 2021, p. 83). A legitimação providenciada pelo colonizado de que o império teria de fato servido como um bondoso e sábio líder para as regiões imersas na época das trevas, de um “atraso” científico e social e incapazes de criar seus próprios sistemas de conhecimento, era de tal forma assimilada pelo inglês, que este era imune aos exageros frutos da exaltação sarcástica do protagonista.

Os olhos do Sr. Willoughby brilhavam com essas histórias, seus lábios se abriam com um encantamento pungente. [...] “Ah, por que”, dizia ao final, ‘abandonaram essas pobres pessoas? Foi uma ideia estúpida.’ [...] “Tudo o que se fez foi deixar que os poucos podres entre eles voltarem a mente simplória de seu povo contra tudo o que aconteceu antes. Agora veja o que está acontecendo: caos, fome, guerras. Temos que gastar mais dinheiro enviando ajuda do que gastaríamos se ficássemos e mantivéssemos a mão firme no leme. Ideia estúpida.”⁸ (GURNAH, 2021, p. 83-84)

Para esta personagem, a ruptura entre o seu Império e a colônia seria total. Signos completamente opostos um ao outro. Enquanto os povos africanos estariam permanentemente tomados por alguma falta, alguma de-

manda, que eles seriam incapazes de suprir sonhos, o império carregaria uma responsabilidade moral de intervir e “solucionar” tal carência. De acordo com essa linha de pensamento racista, os britânicos não teriam escapatória a não ser “gastar” – uma mentalidade de “jogar” dinheiro sobre algo – e pôr em risco seus próprios recursos para a benesse do seu súdito – uma ação de tal forma incoerente com a lógica capitalista serviria para exaltar ainda mais o grande sacrifício imperial. Apesar da superioridade creditada ao seu povo, o Sr. Willoughby não parece capaz de pensar esses constructos de maneira separada. Afinal, como creditar qualidades dignas de enaltecimento a um salvador quando já não existe aquele que clama por salvação?

Como Homi Bhabha afirma, “[a] demanda colonialista pela narrativa carrega, dentro dela, seu reverso ameaçador: *Digam-nos por que nós estamos aqui.*” (BHABHA, 2013, p. 167). Esse narcisismo do colonizador demanda do colonizado a justificativa pela sua própria existência. Mas a busca por legitimação, como exposto acima, exige a repetição de signos, de posições, de narrativas. Eis que, no decorrer das décadas de relacionamento entre o protagonista e Emma, todo encontro entre sogro e enteado promovia uma oportunidade para esse processo se repetir. Incessantemente, o protagonista é posicionado entre os felizardos colonizados que puderam fugir da degradação em que viveriam os africanos e, por isso, seriam eternamente gratos aos ingleses (uma imagem mitológica, tamanho seu absurdo para justificar a visão do interlocutor).

Assim, em um discurso que garante promover “desenvolvimento”, há uma necessidade de autopreservação que nega todo e qualquer tipo de mudança e transformação.

5 “Mr Willoughby was only interested in my Empire stories. [...] I could see the hunger in his eyes every time we met, and before long he’d find a way of creating an opening for me.” (TN)

6 “[...] we had firm and fair rule, governed by people who understood us better than we understood ourselves” (TN)

7 “[...] the Empire selflessly brought us knowledge and education and civilization and the good things that Europe had learned to make for itself [...]” (TN)

8 “Mr Willoughby’s eyes would sparkle at these stories, his lips would part with poignant enthrallment. [...] ‘Oh why’, he would say in the end, ‘did they abandon those poor people? It was a blockhead idea.’ [...] ‘All it’s done is to let the few rotten ones among them turn their people’s simple minds against everything that happened before. Now look what’s happening: chaos, starvation, wars. We have to spend more money sending aid than we would have spent if we stayed and kept a firm hand on the tiller. Blockhead idea.’” (TN)

Tamanha contradição, se despercebida pelo Sr. Willoughby, é vivenciada pelo chefe de Obi, William Green, em *No longer at ease*. O Sr. Green é um antigo servidor inglês de aparentemente incansável dedicação à sua função no Serviço Civil, mas amargamente desiludido com a sociedade na qual vivia.

Estava claro que ele amava a África, mas apenas uma espécie de África: a África de Charles, o mensageiro, a África de seu jardineiro e seu criado. Ele deve ter vindo originalmente com um ideal – trazer luz ao coração das trevas, para caçadores de cabeças tribais realizando cerimônias estranhas e ritos indescritíveis. Mas quando ele chegou, a África o enganou. [...] Em 1900, o Sr. Green poderia ter se classificado entre os grandes missionários; em 1935, ele teria se contentado em esbofetear os diretores na presença de seus alunos; mas em 1957 ele só podia praguejar e xingar.⁹ (ACHEBE, 1994, p. 93)

Da mesma forma que o Sr. Willoughby, o Sr. Green presume ter posse de um conhecimento que falta à “África”, mas ao se deparar com uma Nigéria modernizada de cultura – e de povos nativos – diversa, a ilusão de um continente único, uniformemente constituído em sua necessidade por salvação, se rompe. Em um contexto de movimentos pela independência do país, o Sr. Green sofre a desilusão de que aquele não é o mesmo país de mais de 50 anos atrás; e esse é o mesmo narcisismo intrinsecamente desenvolvido nas personagens de Gurnah no final do século XX.

O Sr. Green encontra o futuro de sua missão evangelizadora. O africano em busca de salvação de sua própria selvageria e ignorância não existe; em seu lugar há um sujeito social com existência própria, não dependente da pretensa solução providenciada pelos ingleses. Pa-

ra o inglês, isso qualificaria o africano como um indivíduo egoísta. Uma carta de um estudante em busca de auxílio econômico para estudar no exterior e conseguir um emprego após os estudos incendeia sua frustração: “Educação para quê? Para obter o máximo possível para si e suas famílias. Nem um pouco interessado nos milhões de seus compatriotas que morrem todos os dias de fome e doenças.”¹⁰ (ACHEBE, 1994, p. 102). O que o Sr. Green procura é uma justificativa para sua própria desilusão; pois algo corrompeu sua missão evangelizadora, e a culpa jamais seria buscada do seu lado. Se os africanos não se enquadram na inocência selvagem que ele buscava, serão os traidores da pátria e do sonho colonizador.

Temos ainda, logo no começo do romance de Achebe, Sr. Green anunciando para os outros membros de um clube majoritariamente atendido por europeus que “[o] africano é completamente corrupto.”¹¹ (ACHEBE, 1994, p. 5). Não há uma tentativa de recorte. Não no sentido que isso amenizaria a busca pela repetição do estereótipo criado, mas no de que há uma recusa em reconhecer uma divisão cultural africana alheia às fronteiras estabelecidas pelos europeus. Percebe-se que Obi se revolta contra as situações em que percebe a corrupção na qual vivem seus conterrâneos à medida que também rejeita essas imposições feitas sobre sua identidade nacional. Ao conhecer um jovem inglês que se torna um de seus amigos íntimos, Obi responde a essa generalização:

“Obi, esse é um bom nome. O que ele significa? Disseram-me que todos os nomes africanos significam alguma coisa.”

“Bem, eu não sei quanto a nomes *africanos* – nomes Ibo, sim. Muitas vezes são frases longas. Como aquele profeta na Bíblia que

9 “It was clear he loved Africa, but only Africa of a kind: the Africa of Charles, the messenger, the Africa of his gardenboy and steward boy. He must have come originally with an ideal—to bring light to the heart of darkness, to tribal headhunted performing weird ceremonies and unspeakable rites. But when he arrived, Africa played him false. [...] In 1900 Mr. Green might have ranked among the great missionaries; in 1935 he would have made do with slapping headmasters in the presence of their pupils; but in 1957 he could only curse and swear.” (TN)

10 “Education for what? To get as much as they can for themselves and their family. Not the least bit interested in the millions of their countrymen who die every day from hunger and disease.” (TN)

11 “[the] African is corrupt through and through.” (TN)

chamou seu filho O Remanescente Voltará.”¹² (ACHEBE, 1994, p. 25)

Ao deixar-se levar pela imposição social de manter um alto estilo de vida e, assim, pela corrupção, ele também é levado pela corrente redutora desse “o africano” do Sr. Green. Em *Admiring silence*, o protagonista não impõe a mesma forma de resistência. Ele lida com o discurso colonial através de mentiras e silêncios, se ocultando por trás delas enquanto deixa a imagem etnizada pré-existente do seu interlocutor transparecer.

Emma é uma personagem que busca no narrador uma maneira de se posicionar contra o tradicionalismo dos pais suburbanos. Isso não a coloca “ao lado” do amante, pois ela também transfere sua visão do continente africano sobre seu corpo, mesmo que de maneira a enaltecer seu “heroísmo”.

Até minha estranheza lhe parecia heróica, em primeiro lugar porque fui vítima de uma opressão histórica, o que me garantiu simpatia automática, e em segundo porque (assim ela disse) eu era calmo diante de toda a provocação, imperturbável e lúcido sobre as seduções do radicalismo de bode expiatório.¹³ (GURNAH, 2021, p. 68)

O ser não radical tão admirado por Emma é uma presença colonizada que encaixa na sua busca por mostrar aos pais que ela não aceita o código burguês pelo qual eles vivem. Ela se apaixona pelo africanismo do protagonista, e quando sua rebeldia contra os preconceitos das gerações anteriores se esvai, a presença dele se torna um incômodo para ela. Assim, quando ele volta de sua viagem a Zanzibar, ela revela o asco que cultivava por ele e o abandona por outro homem. O heroísmo ou a

selvageria do africano, noções aparentemente opostas, mas ambas prejudiciais. “Para nós, aquele que adora o preto é tão ‘doente’ quanto aquele que o execra.” (FANON, 2008, p. 26).

O narcisismo de Emma é especialmente cultural. É o seu escárnio pela noção burguesa por trás do código do matrimônio que a leva a se recusar a casar com o narrador. Ela consegue, de fato, irritar sua mãe ao viver com um homem no pecado e ter uma filha bastarda. Mas é o relacionamento dele com a sua família, especialmente sua mãe, que é prejudicada.

De qualquer forma, eu não sabia como poderia escrever para ela dizendo que estava morando com uma inglesa com quem não era casado. No mundo de onde vim, não se falava dessas coisas. [...] Pensei em mentir, em escrever para dizer que era *casado* com uma mulher inglesa, mas nunca o fiz, com medo do estrago que viria, com medo das litâneas de culpa que se seguiriam. *Agora nós perdemos você, ela roubou você de nós*, e assim por diante.¹⁴ (GURNAH, 2021, p. 100, grifo do autor)

A família do protagonista não é levada em consideração na decisão sobre o casamento; é o desejo de rompimento de Emma que define a situação em que eles vivem. E quando retorna a Zanzibar após 20 anos sem ter visto sua mãe, seu padrasto e seus meios-irmãos, ele percebe que há um plano em andamento para que ele case com uma moça adolescente. Sua família, sem saber da existência de Emma e Amelia, busca uma maneira de resgatá-lo de sua solidão. A notícia de que o narrador não apenas vive com uma inglesa, mas tem uma filha, a neta que eles nunca puderam conhecer, causa um ressentimento extrapolado pela sensação da perda. Um amigo de seu padrasto não hesita em sentenciar sua situação: “Então você está per-

12 “Obi, that’s a fine name. What does it mean? I’m told that all African names mean something.’ / ‘Well, I don’t know about *African* names—Ibo names, yes. They are often long sentences. Like that prophet in the Bible who called his son The Remnant Shall Return.” (TN)

13 “Even my alienness seemed heroic to her, in the first place because I was a victim of historical oppression, which earned me automatic sympathy, and in the second because (so she said) I was calm in the face of all the provocation, unperturbed and clear-headed about the seductions of scapegoated radicalism.” (TN)

14 “In any case, I did not know how I could write to her that I was living with an English woman to whom I was not married. In the world I came from, such things were not spoken about. [...] I thought of lying, of writing to say that I was *married* to an English woman, but I never did, afraid of the havoc that would let loose, afraid of the litanies of blame that would follow. *Now we have lost you, she has stolen you away from us*, and so on.” (TN)

dido,’ [...] ‘Você se perdeu, e perdeu seu povo. Um homem não é nada sem seu povo.’”¹⁵ (GURNAH, 2021, p. 213).

Já Obi, em *No longer at ease*, se apaixona por uma mulher nigeriana, Clara. Ela é uma *osu* – integrante de uma casta social discriminada por povos ibo – e não seria uma mulher “digna”, livre para se casar com Obi. Obi não se deixa levar por esse estigma, acreditando ser uma velha tradição pagã. Mas mesmo seus pais, cristãos convertidos, rejeitam a decisão do filho. O pai de Obi tenta o dissuadir:

Osu é como a lepra na mente do nosso povo. Rogo-lhe, meu filho, que não tragas a marca da vergonha e da lepra para a sua família. [...] Não é por mim que falo, meus dias estão contados. Você trará tristeza sobre sua cabeça e sobre a cabeça de seus filhos. Quem vai se casar com suas filhas? Com quais filhas seus filhos vão se casar? Pense nisso, meu filho. Somos cristãos, mas não podemos nos casar com nossas próprias filhas.¹⁶ (ACHEBE, 1994, p. 117)

Sua mãe implora para que ele, caso realmente insista em se casar com uma *osu*, aguarde até sua morte. O término com Clara é ainda mais trágico pela gravidez e o decorrente aborto feito às escondidas. Assim como na obra de Gurnah, o romance é arruinado pela fixidez, pela imobilidade de imagens construídas socialmente. Se Emma sofre uma desilusão pela busca de um herói entre a opressão e a radicalização, Clara é abandonada pela incapacidade de Obi de romper efetivamente com as crenças familiares. Obi é, afinal, um marginal entre a Nigéria e a Inglaterra.

Enquanto as imposições do colonizador buscam “o africano corrupto”, seus conterrâneos exigem dele um nativo assimilado economicamente, mas fiel às tradições. Em um dis-

curso dado durante uma cerimônia pelo sucesso de Obi em completar seus estudos, o jovem seria o corajoso guerreiro da vila Umuofia, exatamente como seu avô foi na obra anterior de Chinua Achebe, *Things fall apart*.

Umuofia teria exigido de você que lutasse em suas guerras e trouxesse para casa cabeças humanas. Mas aqueles foram dias de escuridão dos quais fomos libertos pelo sangue do Cordeiro de Deus. Hoje te enviamos para trazer conhecimento. [...]”¹⁷ (ACHEBE, 1994, p. 11)

Para os homens que coordenavam a organização de Umuofia, responsável por juntar os fundos necessários para enviar Obi à Inglaterra, o saber seria um troféu. Um troféu a ser exibido como prova da excepcionalidade de seu povo. O que se percebe em Obi é que o troféu é menos importante do que o processo de assimilação e integração cultural pela qual é necessário passar; não se volta o mesmo guerreiro que partiu, mas um sujeito com a memória e a vivência “do lado de lá” da sua comunidade. O discurso segue de modo a criticar os jovens que iam para a Europa e se deixavam levar pelo “prazer da carne”: “Alguns deles até mesmo se casaram com mulheres brancas.’ A multidão murmurou sua forte desaprovação de tal comportamento. ‘Um homem que faz isso está perdido para seu povo. [...]’”¹⁸ (ACHEBE, 1994, p. 11). É o mesmo que escuta o protagonista em Gurnah. A mulher branca para essas personagens seria prova de que eles teriam abandonado suas raízes, sendo que é a atenção aos valores familiares que causam atrito entre as personagens.

Como a educação europeia serviria um propósito prático, economicista, eles inicialmente se frustram com a decisão de Obi de estudar

15 “‘Then you’re lost,’ [...] ‘You’ve lost yourself, and you’ve lost your people. A man is nothing without his people.’” (TN)

16 “*Osu* is like leprosy in the minds of our people. I beg of you, my son, not to bring the mark of shame and of leprosy into your family. [...] It is not for myself I speak, my days are few. You will bring sorrow on your head and on the heads of your children. Who will marry your daughters? Whose daughters will your sons marry? Think of that, my son. We are Christians, but we cannot marry our own daughters.” (TN)

17 “Umuofia would have required of you to fight in her wars and bring home human heads. But those were days of darkness from which we have been delivered by the blood of the Lamb of God. Today we send you to bring knowledge. [...]” (TN)

18 “‘Some of them even married white women.’ The crowd murmured its strong disapproval of such behavior. ‘A man who does that is lost to his people. [...]’” (TN)

Inglês (estudos literários): “Eles queriam que ele estudasse direito para que, quando ele retornasse, ele lidasse com todos os casos de terra contra seus vizinhos.”¹⁹ (ACHEBE, 1994, p. 8). No uso do conhecimento para defender a posse de terras de seu povo, Obi agiria de fato no papel do guerreiro de Umuofia.

Obi seguiu a carreira desejada pelos integrantes da organização de Umuofia, conseguindo um bom emprego no serviço civil, mas logo vem a realização de que seu alto salário não dava conta dos custos de manter um carro, um apartamento bem equipado, funcionários e de enviar dinheiro para sua família. Obi percebe que recebe muito mais do que residentes de Umuofia, assim como entende que o sacrifício feito para que ele tivesse essa oportunidade fora enorme.

O que eles não sabiam era que, tendo trabalhado com suor e lágrimas para inserir seu conterrâneo na brilhante elite, eles tinham que mantê-lo lá. Tendo feito dele um membro de um clube exclusivo cujos membros se cumprimentam com “Como o carro está se comportando?” eles esperavam que ele se virasse e respondesse: “Sinto muito, mas meu carro está fora da estrada. Vejam eu não pude pagar meu seguro premium”? Isso seria desapontar o lado de uma maneira que era bastante impensável.²⁰ (ACHEBE, 1994, p. 87)

Entrar para a elite não é o suficiente para garantir sua posição como notório descendente de Umuofia; assim como os “custos” – em dinheiro, mas também de sacrifícios pessoais – parecem intermináveis. Obi passa a fazer menos refeições, não liga mais as luzes do apartamento, evita utilizar o carro para economizar com a gasolina. A tensão em que ele se coloca para satisfazer as exigências sociais não apenas prejudicam seu relacionamento com Clara, mas também não lhe deixam espaço para viver.

Considerações Finais

A proposta do presente trabalho era analisar as construções identitárias exteriores aos protagonistas das obras *Admiring silence* e *No longer at ease*. Como esperamos ter ilustrado, ambas as obras aqui debatidas trabalham com a identidade repartida dessas personagens. A binaridade imposta pelo discurso colonialista reduz suas representações a estereótipos que não abrangem a sua individualidade, que negam o seu viver em culturas hibridizadas.

As imposições sobre o sujeito africano migrante partem de vários vieses, mas não deixam de demandar dele um posicionamento identitário fixo e estático. A exigência pela repetição das narrativas coloniais é um ato narcísico em busca de legitimação do imaginário na mentalidade colonial. Assim, os protagonistas vivem uma tensão repartida, impossibilitados de construir sua identidade livremente.

Referências

- ACHEBE, C. *No longer at ease*. Nova York: Anchor Books, 1994.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GURNAH, A. *Admiring silence*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2021.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MUDIMBE, V. Y. *A invenção da África – gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Trad. Ana Medeiros. Ramada: Edições Pedagógico; Luanda: Edições Mulemba, 2013.

19 “They wanted him to read law so that when he returned he would handle all their land cases against their neighbors.” (TN)

COMO CITAR

BACH, L. C.; NEUMANN, G. R. Identidades emolduradas: a legitimação do imaginário colonialista em *Admiring silence* e *No longer at ease*. *Revista Cerrados*, 32(61), p. 19–32. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i61.45778>